

A expressão *ir de arrasta pra cima* em interações digitais: uma análise funcional construcionista

The expression. 'ir de arrasta pra cima' in digital interactions: a functional-constructionista analysis

Nedja Lima de Lucena
Doutora em Estudos da Linguagem. Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFRN).
Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-9412-8771>
nedja.lucena@ufrn.br

Nedja Lima de Lucena

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Mateus Sales de Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Mateus Sales de Moraes
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). Grupo de Estudos Discurso & Gramática.
Orcid:<https://orcid.org/0009-0004-1035-8441>
mateussales9@gmail.com

Wesley Souza Wanderlei

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Wesley Souza Wanderlei
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN).
Orcid:<https://orcid.org/0009-0003-8359-5360>
wanderleiwesley@gmail.com

Resumo

Este artigo investiga o padrão construcional idiomático [IR de arrasta (para ADV_{loc})] que licencia construtos como *foi de arrasta pra cima*, comum em interações digitais (Simões Neto; Souza, 2023), com foco em sua descrição sintática, semântica e pragmático-discursiva. A hipótese do estudo é a de que esse padrão construcional tem natureza idiomática, cuja gênese está ligada à interação digital a partir de um sentido concreto que se amplia para abarcar sentidos mais abstratos. A pesquisa está fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Bybee, 2016), a qual postula que as estruturas linguísticas devem ser examinadas em termos de sua forma e função, enfatizando que a língua serve a funções comunicativas e cognitivas. Metodologicamente, o estudo é de natureza qualitativo-interpretativa e examina 100 dados empíricos provenientes de redes sociais (*Instagram, TikTok, X e Facebook*). Os resultados da pesquisa desvelam que a expressão se desenvolveu a partir de um uso funcional e literal para contextos mais metafóricos, associando-se a sentidos que evocam a ideia de morte/fim e fracasso. Essa ampliação de sentidos assinala a criatividade linguística subjacente ao uso da língua pelos falantes.

Submetido em: 24/09/2025
Aceito em: 15/02/2026
Publicado: 31/03/2026

e-Location: 20137



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; idiomatismo; construção; [IR de arrasta (para ADV_{loc})].

Abstract

This article investigates the idiomatic constructional pattern [IR de arrasta (para ADV_{loc})] that licences constructs such as foi de arrasta para cima, common in digital interactions (Simões Neto; Souza, 2023), with a focus on its syntactic, semantic and pragmatic-discursive description. The hypothesis of the study is that this constructional pattern has an idiomatic nature whose genesis is linked to digital interaction from a concrete meaning that expands to encompass more abstract meanings. The research is based on Usage-Based Functional Linguistics (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Bybee, 2016), which postulates that linguistic structures should be examined in terms of their form and function, emphasizing that language serves communicative and cognitive functions. Methodologically, the study is qualitative-interpretive in nature and examines 100 pieces of empirical data from social networks (Instagram, TikTok, X and Facebook). The results of the research reveal that the expression has developed from a functional and literal use to more metaphorical contexts, becoming associated with meanings that evoke the idea of death and failure. This expansion of meanings signals the linguistic creativity underlying the speakers' use of language.

Keywords: *Usage-Based Linguistics; idiomatism; construction; [IR de arrasta (para ADV_{loc})].*

INTRODUÇÃO

A curiosa expressão *foi de arrasta pra cima*, foco deste trabalho, tem sua origem nas redes sociais, em particular, *Instagram*, *X*, *Facebook* e *TikTok*, plataformas em que desempenha funções relacionadas à interação digital.

Em um primeiro momento, no *Instagram*, a expressão indicava uma funcionalidade que permitia adicionar *links* aos *stories*. Ao final de uma imagem ou vídeo, o enunciador frequentemente apontava a necessidade de *arrastar pra cima* para orientar os espectadores a deslizarem o dedo na tela, de modo que fossem redirecionados para um *link*, geralmente com o objetivo de promover a compra de produtos ou serviços. Isto é, *arrasta pra cima* designava o nome do comando que o usuário podia acionar, tal qual ocorre com comandos do tipo *stop*, *play* e *pause*. Nesse evento, apenas usuários com mais de 10 (dez) mil seguidores poderiam contar com a funcionalidade. A figura 1, a seguir, ilustra a função de arrastar para cima, a qual de comando passa a expressar a própria funcionalidade:

Figura 1: Imagem publicitária do *Facebook* e *post* da rede *X*

Fonte: *Facebook* e Rede *X*¹ (acervo da pesquisa).

Nessa figura, podemos observar duas imagens que demonstram: a oferta de consultoria sobre como obter a funcionalidade de arrastar para cima no *Instagram* para usuários de contas verificadas ou de número de seguidores superior a 10 mil (a); e o uso da expressão para sinalizar o acesso ao *link* da compra de um ingresso (b). É válido notar que em (a), o recurso metalinguístico – para obter o comando de *arrasta pra cima* é necessário que o interlocutor também arraste para cima – reforça a importância da funcionalidade no contexto das interações digitais, de modo que o comando era comercializado por empresas de gerenciamento digital. Em (b), por sua vez, o comando de *arrasta pra cima* está indicado como caminho de acesso à obtenção de um produto.

De modo mais recente, no âmbito do *TikTok*, a expressão refere-se ao gesto de deslizar o dedo na tela para passar para o próximo vídeo, sugerindo que o vídeo anterior foi descartado ou superado, conferindo à expressão uma conotação de término, encerramento ou, simplesmente, de abandono do conteúdo. Para os próprios usuários, a ideia é a de que o vídeo “morre”, sendo substituído por outro.

A partir de 2022, com a liberação da funcionalidade de arrastar para cima (isto é, a possibilidade de inserção de *links* para acesso a conteúdos, compras e serviços),

¹ Disponível em

www.facebook.com/photo.php?fbid=493125538233114&id=255979325281071&set=a.286521085560228 Acesso em 09 nov. 2024.

a expressão começa a ser usada com um sentido relacionado à ideia de morte e danos físicos e/ou psicológicos nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, alcançando outras redes como *Tik Tok* e *X*. Rapidamente, *ir de arrasta pra cima* se difundiu nesse cenário e, com a popularização progressiva, a expressão passou a ser empregada em contextos que envolvem não apenas a morte literal, mas também situações negativas em geral, como fracassos, acidentes ou quaisquer eventos adversos, sejam concretos ou abstratos. Vejamos duas ocorrências² a seguir:

(1) O time jogou mal demais ontem. *Foi de arrasta pra cima* na competição.

(2) Fulano tentou fazer investimentos arriscados e acabou *indo de arrasta pra cima*.

Em (1), a expressão *foi de arrasta pra cima* é utilizada para se referir à eliminação do time da competição, isto é, o time foi superado por outro. Em outras palavras, o time findou sua trajetória na competição, tal qual ocorre com um vídeo no âmbito do *TikTok* ao ser arrastado para cima. A associação entre o movimento de *arrastar para cima* e a ideia de derrota é reforçada pela performance negativa do time. Já em (2), a expressão *indo de arrasta pra cima* é empregada para descrever o fracasso de Fulano nos investimentos, referindo-se a uma perda financeira significativa.

Diante disso, propomo-nos a argumentar em favor da compreensão da expressão *foi de arrasta pra cima* como um par de forma e função, isto é, um padrão construcional (Goldberg, 2006), cuja gênese emerge da experiência dos usuários da língua com um ato manipulativo concreto: deslizar o dedo sobre uma tela de dispositivo eletrônico. Assumimos, em consonância com Bybee (2016), que essa experiência concreta serve de lastro para usos mais figurativos, nos quais atuam processos cognitivos de domínio geral, como a projeção metafórica, a analogização e o *chunking*. Estudos recentes (Simões Neto; Souza, 2023) assinalam que esse padrão construcional é uma instância de uso de uma construção mais ampla <[IR de N]> que fornece generalizações para as instâncias a si vinculadas, como *ir de base* e *ir de Olavo de Carvalho*, todas referenciando noções atinentes à morte/fim. Alinhamo-nos a essa

² Todas as ocorrências neste artigo são provenientes das redes sociais *Instagram* e/ou *Tik Tok* e compõem o corpus do trabalho.

perspectiva, focalizando, contudo, uma dessas instâncias, no caso, [IR de arrasta (para ADV_{loc})] buscando compreender mais detidamente suas características.

É, pois, nossa intenção, neste artigo, averiguar como esse padrão construcional se manifesta em contextos reais de uso. Para tal, o estudo incorpora a Linguística Funcional Centrada no Uso como aporte teórico-metodológico para a análise, considerando a língua como moldada *pelo* e *para* o uso, enraizada nas experiências cognitivas, sociais e culturais de uma comunidade linguística (Furtado da Cunha; Bispo, 2019). Nesse prisma teórico, ao enfatizar a relação entre forma e função, bem como o papel do uso real da língua na modelagem de construções linguísticas, é possível investigar como expressões inicialmente vinculadas a ações concretas, em interações digitais ou não, podem criativamente passar a ser reinterpretadas de maneira metafórica ou se espriar para servir de base para novas expressões (Lakoff; Jonhson, 1999; Tomasello, 1998; Bybee, 2016). Para esse marco teórico, a língua(gem) é interação social e a gramática de uma língua natural é compreendida como uma rede simbólica de construções socioculturalmente situada.

Em termos de organização estrutural, o artigo contempla: esta introdução, cujo foco é contextualizar e apresentar o objeto de estudo; na sequência, o quadro teórico que fundamenta e baliza a investigação, considerando os pressupostos básicos mobilizados; seguidamente, é apresentado o aparato metodológico, com descrição do processo de coleta e análise dos dados; por conseguinte, os achados da pesquisa são analisados e discutidos à luz do referencial teórico norteador; finalmente, as considerações finais resumem, de forma não exaustiva, os principais *insights* obtidos e sugerem implicações para futuras investigações.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção, interessa-nos destacar o alicerce teórico que norteia o estudo, com ênfase nos principais pressupostos mobilizados durante a pesquisa. Ressaltamos, contudo, que as referências oportunizadas aqui, e listadas ao final, fornecem boas pistas de aprofundamento para os que desejam esquadrihar o campo teórico.

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é um quadro teórico-metodológico que representa o diálogo recente entre a Linguística Funcional norte-americana e a Linguística Cognitiva, sobretudo, o modelo da gramática de construções (Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott; Trousdale, 2021). Esse diálogo é referido na literatura linguística internacional como *Usage-Based Linguistics* (Tomasello, 1998; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Furtado da Cunha, 2023).

Bispo e Lopes (2021) resumem os pressupostos fundamentais compartilhados por ambas correntes teóricas e assumidos, portanto, pela LFCU:

O entendimento de que as habilidades linguísticas podem ser tomadas e apreendidas do mesmo modo que outras capacidades cognitivas; (ii) a compreensão de que a linguagem constitui um amplo e multifacetado conjunto de atividades cognitivas e sociocomunicativas, associadas a outras atividades humanas; (iii) a rejeição à ideia de autonomia e centralidade da sintaxe; (iv) a noção de que léxico e gramática situam-se nos polos de um *continuum*, não havendo, assim, fronteiras rígidas entre eles; (v) a adoção de fatores semântico-cognitivos e/ou discursivo-pragmáticos nas análises linguísticas [...]. (Bispo; Lopes, 2021, p. 2).

Como uma teoria baseada no uso, adota-se a perspectiva de que a língua deve ser compreendida e examinada em seu uso real, empírico, considerando, de forma holística, todos os aspectos envolvidos na interação. A língua é, portanto, um sistema complexo e adaptativo, uma estrutura dinâmica – com variação e regularidade – composta por padrões relativamente estáveis e por outros que surgem em resposta a exigências cognitivas e/ou comunicativas. Sua unidade básica é, portanto, a *construção*, isto é, um emparelhamento entre *forma* linguística e *função*, unidas por um elo simbólico (Pinheiro, 2025).

De um modo geral, construções são representações cognitivas das experiências dos falantes com a língua e, por essa razão, unidades simbólicas. No polo da forma, estão acomodadas as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; já no polo da função, estão as propriedades semântico-cognitivas e discursivo-interacionais (Croft, 2001; Goldberg, 2006). Compreende-se que os padrões construcionais organizam-se em rede, a partir de elos *relacionais* (polissemia, extensão metafórica, subparte e instância) e elos de *herança* (Traugott; Trousdale, 2021; Hilpert, 2014). Quanto à caracterização, as construções são descritas em termos

gradientes quanto às *dimensões* e às *propriedades*, abarcando expedientes de natureza diversa.

No que se refere às dimensões³, as construções podem ser avaliadas quanto: (i) ao tamanho (atômica = *vermelho/-ávellim-*; complexa = *em cima de/ mexer os pauzinhos*; e intermediária = *rodopiar*, em que *pi* não é analisável); (ii) à especificidade fonológica (substantiva = *azul/-s*, sendo fonologicamente especificada; esquemática = *N/SV*; e intermediária = *V-mento* em *casamento/ rompimento*); (iii) à conceptualização (conteudista = quando o conteúdo é lexical; procedural = quando o conteúdo é gramatical; e intermediária = quando apresenta conteúdo lexical e gramatical).

Em relação às propriedades, a *esquematicidade* diz respeito ao grau de abstração/virtualidade de uma construção, de modo que há padrões construcionais totalmente abertos (não especificados), como o esquema transitivo [SN₁ V SN₂] que instancia orações como *João comeu uma maçã, Maria arrastou o sofá*; parcialmente especificados como a sequência [Ficar SN], que licencia expedientes como *ficar puto, ficar bonito, ficar tranquilo*; e há padrões totalmente especificados (ou idiossincráticos), como *dar com os burros n'água*. A esquematicidade ilumina a hierarquia na rede construcional, pois quanto mais esquemática e inespecífica uma construção, mais alta ela tende a ser na rede (Traugott; Trousdale, 2021). Assim, em um movimento decrescente, do mais esquemático para o menos esquemático, temos: *esquema > subesquema > microconstruções > construtos*, sendo este último os *tokens*, as realizações empíricas das construções. Essa variação reflete a escalaridade das construções, ou seja, o *continuum* entre as mais gerais e as mais particularizadas, de modo que as construções podem se posicionar em diferentes pontos desse espectro, variando das mais flexíveis e amplas às mais específicas e restritas (Furtado da Cunha; Silva; Bispo, 2016).

A propriedade da *composicionalidade* se assenta no grau de transparência/opacidade do elo entre forma e função, isto é, no quanto as partes representadas na codificação formal fornecem pistas para o significado do todo.

³ Para aprofundamento sobre as dimensões e propriedades construcionais, consultar Traugott e Trousdale (2021).

Traugott e Trousdale (2021) explicam que “ela é geralmente pensada em termos tanto de semântica (o significado das partes e do todo) quanto das propriedades combinatórias do componente sintático” (p. 53). Para exemplificar, vejamos a construção *Tá de X* em: (i) *Credo todo mundo namorando ou tá de rolo* e (ii) *Todo mundo tá de camisa* (Lucena; Mata, 2024). Em (ii), há maior transparência entre forma e conteúdo, na medida em que corresponde à ideia de um determinado estado de um grupo que veste uma peça de roupa (*camisa*); enquanto em (i), situação análoga não ocorre, pois *tá de rolo* não corresponde a soma do significado de suas partes, de forma que *de rolo* aqui não se aplica a um objeto cilíndrico, mas indica *envolvimento amoroso* entre pessoas. Desse modo, o grau de composicionalidade de uma construção se relaciona diretamente com a medida em que o significado das suas partes contribui para o significado geral da construção como um todo. Isso implica a ideia de que a interpretação de uma construção é, em parte, nutrida pelo significado dos elementos individuais que a compõem e da maneira como esses elementos são combinados.

Por último, a propriedade da *produtividade* corresponde ao fato de que algumas construções, mais esquemáticas, licenciam outras menos esquemáticas e abarcam uma variedade de *types* construcionais. Essa propriedade está intimamente relacionada à frequência de tipos (*types*) e à expansão da classe hospedeira em uma construção linguística, revelando o processo gradual pelo qual novas categorias se incorporam à rede de uma construção matriz (Furtado da Cunha; Silva; Bispo, 2016; Himmelmann, 2004). Assim, há o aumento progressivo de categorias conectadas à rede por meio de conexões semânticas e sintáticas, permitindo que a construção se expanda além das relações prototípicas de forma e função, acomodando novas formas e significados e extrapolando as conexões previstas na relação original. Um exemplo de construção cuja produtividade é alta é a construção ditransitiva (SN₁ V SN₂ SN₃), cujo significado implica *X causar Y receber Z*, como em (i) *o mesmo (paciente) paga a consulta eu dou-lhe o recibo*, em que há uma transferência bem-sucedida e (ii) *ela fazia as cartas pra pessoa que ela gostava*, em que não há certeza se a transferência foi concluída ou não (Furtado da Cunha; Bispo, 2024).

Sob essa perspectiva, a linguagem está entrelaçada a um conjunto de conhecimentos cognitivos relativos à psicologia humana, refletindo os processos

cognitivos gerais pelos quais os seres humanos constroem significados com base em suas experiências e os ajustam aos contextos de interação (Martelotta, 2008; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013).

A LFCU entende que conhecer uma língua é saber seu *constructicon*, que inclui morfemas, palavras, padrões sintáticos, expressões idiomáticas e todo o complexo conhecimento sobre o que é dito e o que se quer dizer⁴. Isso envolve todos os aspectos formais e funcionais de uma construção, incluindo particularidades das cenas e eventos em que a construção é acionada (Hilpert, 2014; Hoffmann, 2024). Entende-se, ainda, que as representações mentais das construções advêm de instâncias individuais de uso (*construtos/tokens*), de modo que o uso forja, reforça ou enfraquece os expedientes construcionais (Cezario; Furtado da Cunha, 2023; Hoffmann; Bergs, 2024).

A dinâmica do uso expressa a criatividade linguística dos falantes, na qual “a metáfora é um recurso recorrente” (Cezario; Furtado da Cunha, 2023, p. 9). Bybee (2016, p. 35) argumenta que “as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua” e, a partir desse entendimento, trata de processos cognitivos de domínio geral que subjazem ao conhecimento. Dentre os processos, destacam-se as projeções metafóricas, que juntamente com projeções metonímicas, impulsionam o surgimento de muitas expressões idiomáticas (Furtado da Cunha; Bispo, 2019). Cezario e Furtado da Cunha (2023) destacam o papel da metáfora em expressões criativas como *sem pé nem cabeça* e *estar com o pé na cova*.

A metáfora, no âmbito da LFCU, é compreendida como um processo de conceptualização de um domínio da experiência em termos de outro. A título de exemplo, sobre a ocorrência de metáforas que se dão na via do *espaço > discurso*, Martelotta (2008, p. 64) explica: “trata-se de uma transferência para o domínio do texto de nossas experiências sensório-motoras, da observação que fazemos dos nossos corpos no espaço e dos aspectos espaciais e temporais relacionados a esses movimentos”. Nessa linha, compreendemos que a habilidade cognitiva de estabelecer uma analogia é um processo básico do conhecimento, a qual permite, segundo Lakoff

⁴ Para alguns autores, como Östman e Fried (2005), Ungerer e Hartmann (2023) e Hoffmann e Bergs (2024), as construções abarcam, inclusive, modelos de porções textuais e de gêneros, além de aspectos multimodais.

e Johnson (1980, p. 5) “entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outras”.

A abordagem construcional alinha-se ao compromisso e a tarefa de desvelar “como todas as construções (e não apenas as mais esquemáticas ou genéricas) emergem nas línguas, qual a sua origem, a sua natureza multidimensional” (Miranda, 2009, p. 63). Para isso, é necessário considerar o uso linguístico como central, pois apenas no uso concreto da língua é possível observar os padrões linguísticos que emergem dos contextos socioculturais, a fim de se compreender as forças que os motivam. É, pois, com esse espírito que delineamos, neste trabalho, uma análise a respeito do padrão construcional [IR de arrasta (para ADV_{loc})].

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em termos de abordagem metodológica, este estudo é de natureza essencialmente qualitativa e descritiva (Lakatos; Marconi, 2003). Esse tipo de pesquisa busca compreender detalhadamente fenômenos sociais, culturais, comportamentais e, na esteira, linguísticos. A abordagem qualitativa serve a este estudo para examinar o padrão construcional [IR de arrasta (para ADV_{loc})] de forma detalhada e contextualizada, considerando sua emergência em interações digitais. Manifesta-se, em especial, na interpretação dos critérios formais e funcionais desse objeto de estudo.

O conjunto de dados empíricos são provenientes das redes sociais *Instagram*, *TikTok*, *Twitter* e *Facebook*. A escolha dessas plataformas decorre do fato de que a expressão *arrastar para cima* teve sua origem no *Instagram*, disseminando-se, posteriormente, para as demais redes. Na etapa de coleta de dados, verificamos que a incidência da expressão é significativamente maior nessas plataformas em comparação com outras mídias sociais. Foram coletadas 100 (cem) ocorrências a partir das ferramentas de busca das próprias plataformas, as quais permitem a inserção de palavras-chave, nesse caso *strings* de busca, como [*arrasta pra*], [*foi de*], [*ir de arrasta*] e demais possibilidades flexionais do verbo *ir* para filtrar o rastreamento. A coleta foi realizada no segundo semestre de 2024.

ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ocupamo-nos, nesta seção, da análise das instanciações do padrão construcional [IR de arrasta (para ADV_{loc})] nas interações digitais⁵. Para isso, traçamos uma análise considerando a trajetória de surgimento desse padrão. Vejamos a seguinte ocorrência:

Figura 2: Ocorrência (3)



Fonte: *Instagram* (acervo da pesquisa).

Em (3), é possível observar uma publicação de 2019, na qual o usuário relata a conquista: “o *arrasta pra cima* veio, mores” para indicar que, a partir daquele momento, o comando de *arrasta pra cima* está disponível em seu perfil, o que possibilita incluir *links* em seus *stories*, marco significativo para influenciadores digitais à época. Verifica-se o quantitativo de 10 mil seguidores na página, motivo da comemoração, reforçada também por outros elementos como *emojis* de coração e tipografia em caixa alta, enfatizando a importância da conquista. Observa-se, ainda, o uso do determinante *o* antecedendo a expressão *arrasta pra cima*, sinalizando a substantivação da expressão, que se refere ao comando.

⁵ As informações que revelam nome e imagem dos(as) usuários(as) foram apagadas, a fim de garantir privacidade. Não disponibilizamos os links, a fim preservar a identidade e a privacidade, conforme previsto no Art. 5º da Constituição Federal de 1988, inciso X. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em 02 fev. 2025.

A função de arrastar o dedo para cima tornou-se um símbolo de sucesso e credibilidade nas plataformas sociais refletindo a importância do engajamento⁶ e do alcance nas estratégias de *marketing* e influência *online*. A ocorrência ilustra o sentido referencial, concreto, de arrastar o dedo de baixo para cima da tela em dispositivos móveis. É um movimento tátil, sensorial e, ao mesmo tempo, visual, pois o usuário vê o movimento e, mais, tem um resultado a partir dele: a mudança de uma tela para outra. Trata-se de um *feedback* visual e tátil, que busca aproximar o usuário do dispositivo digital tornando a experiência mais imersiva (Silva; Pereira; Santos, 2021).

Nesse viés, o uso da expressão *arrasta pra cima* serve como uma instrução prática e direta para os seguidores acessarem o conteúdo vinculado por ela. Seu sentido, nesse tipo de uso, é mais composicional, isto é, pode ser dedutível a partir da soma de suas partes, o que revela maior transparência entre codificação e conteúdo (Traugott; Trousdale, 2021). Em outras palavras, o sentido do todo (deslocar o dedo para cima da tela) converge para a junção dos itens que compõem a expressão.

Em termos formais, *arrasta pra cima* é um sintagma verbal, em que o verbo se encontra no modo imperativo afirmativo (*arrasta*, como em *arrasta tu/você*), seguido do sintagma preposicionado *pra cima*, no qual está a preposição *para*, geralmente contraída (*pra*), e um advérbio (*cima*), locativo direcional, vinculado ao plano vertical *cima - baixo* de orientação do corpo humano (Batoréo, 2023).

No caso em (3), observamos que a expressão é adaptada e substantivada, com acréscimo do determinante (artigo definido *o*). Contudo, o processo de substantivação de verbos (derivação imprópria) tende a ocorrer com expedientes no modo infinitivo (Azeredo, 2014), de maneira distinta do que ocorre na ocorrência analisada, em que se enuncia *o arrasta pra cima*. Entendemos que isso se deve à metonimização, em que a expressão, via contiguidade e relação sintagmática (Oliveira, 2022; Simões Neto; Souza, 2023), é reinterpretada como o comando em si. Assim, perde-se a noção das partes (por exemplo, o verbo imperativo) e a expressão – agora substantivada – passa a ser usada como qualquer outra.

O comando de *arrasta pra cima* foi liberado para todos os usuários na rede social *Instagram*, conforme ilustrado a seguir (Figura 3) e conseqüentemente se

⁶ Nas plataformas digitais, engajamento refere-se à ideia de maior participação nos perfis.

popularizou ainda mais. Com efeito, com mais pessoas tendo a oportunidade de experimentar o comando, a difusão da expressão é esperada. Em termos linguísticos, isso significa que a expressão pode ser reforçada pela frequência de uso (Cezario; Furtado da Cunha, 2023).

Figura 3: Ocorrência (4)



Fonte: Rede X (acervo da pesquisa).

A ocorrência em (4) sinaliza, ainda, a função referencial da expressão aqui analisada. A liberação da funcionalidade, que antes era restrita a um grupo seletivo de influenciadores, tornou acessível a todos os usuários a possibilidade de incluir um *link* em seus *stories*. Isso representa uma reconfiguração do valor simbólico da ação de arrastar para cima, que deixa de ser um marcador de sucesso digital exclusivo para se tornar uma ferramenta comum. A partir disso, só o ato de abrir o *link* torna-se relevante e já provoca maior engajamento nas contas, conforme ilustra a ocorrência a seguir:

(5) Abram o link da publi gente, mesmo que não comprem, apenas abram. O "arrasta pra cima" tá nos stories da mirella, vão lá! (Rede X, 2021).

A publicação em (5) incentiva os seguidores a acessarem o link presente nos stories. É notável o modo como o usuário refere-se à funcionalidade, quase personificando-a: *o arrasta pra cima*. O enunciador afirma a relevância de simplesmente abrir o *link*, mesmo sem a intenção de efetuar uma compra. Nesse caso, a expressão assume uma função instrumental, buscando maximizar o engajamento através de uma ação simples e comum nas redes sociais.

Alinhados ao quadro teórico da LFCU, partimos do pressuposto que o uso maciço da expressão em seu sentido mais concreto e referencial, isto é, a alta

frequência de ocorrência – resultado da liberação da funcionalidade na plataforma digital e do reforço advindo do padrão *ir de base* – reforça o seu uso, tornando a expressão mais sensível à convencionalização e, conseqüentemente contribuindo para a expansão da classe hospedeira (Cezario; Furtado da Cunha, 2023; Hilmelmann, 2004).

Consideremos as ocorrências a seguir:

(6) Quase *fui de arrasta pra cima* depois de 5km. (Rede X, 2024).

(7) É galera acho que esse relacionamento *foi de arrasta pra cima* mesmo (Rede X, 2024).

(8) Obrigada tarô por confirmar minhas paranóias, agora *vou de arrasta pra cima* (Rede X, 2023).

(9) lembrando esses dias quando falei pra minha mãe que alguém *foi de arrasta pra cima* e ela “*de arrasta pra baixo* ne porque no ceu n ta” diva (Rede X, 2024).

(10) Eu *vou de arrasta pra cima, pra baixo* e pra tudo quanto é lado, pelo amor de Deus Jorge e Mateus (Rede X, 2024).

(11) *Arrasta pra cima*, que pra baixo é só o Vasco kkkk (Rede X, 2023).

As ocorrências (6-11) demonstram usos mais recentes e reconfigurados sintática, semântica e pragmaticamente da expressão *arrasta pra cima*. Em termos semânticos, os sentidos estão relacionados às noções de morte (6, 8 e 9) e término (7). Pode ser uma morte física – a ausência de vida – ou uma morte abstrata, como algo que deteriorou ou fracassou (11). Há, ainda, caso em que o sentido está relacionado a algo positivo, como em (10), quando o enunciador demonstra seu entusiasmo pela dupla sertaneja e remete ao movimento do seu corpo provocado pelas músicas e/ou pela dupla.

Em todas as ocorrências, uma ideia de movimento de um ponto (A) para outro (B) está implicada: em seu sentido mais referencial (*domínio-fonte*), o movimento envolve deslizar o dedo para cima da tela, de baixo (A) para cima (B). Em sentido mais abstrato (*domínio-alvo*), o movimento é o deslocar-se de uma situação para outra, por exemplo: de vivo (A) para morto (B) – com direção para o céu (cima) ou inferno (baixo), como em (6) e (9); do sucesso para o fracasso, tal qual em (7) e (11). Esse fato ilustra o mapeamento metafórico entre domínios, o qual serve à organização do

nosso pensamento e se baseia, em grande medida, em nossa experiência corporal para, a partir de experiências concretas, forjar cognitivamente ideias mais abstratas.

Em todos os casos (6-11), podemos observar que a expressão perde composicionalidade, tornando-se mais opaca, de modo que sua significação não é simplesmente dedutível dos itens que a compõem. Furtado da Cunha e Bispo (2019) assinalam que essa é uma característica dos idiomatismos, sendo, portanto, a nosso ver, um dos indícios para que a expressão seja compreendida como um padrão construcional.

Segundo Simões Neto e Souza (2023), a expressão *ir de base*, ligada ao universo *gamer* – cujo sentido evoca a ideia de um jogador morrer e voltar para a base em uma partida – pode ter servido de lastro para forjar outras, dentre elas [IR de arrasta (para ADV_{loc})], que conserva um aspecto formal (*ir de*) e funcional (ideia de morte/fracasso). Isso se dá por meio da analogização, isto é, quando os falantes estabelecem relações entre formas e significados já existentes na língua, criando novos padrões ou estendendo padrões existentes a novos contextos (Hilpert, 2014), como parece ser o caso de [IR de arrasta (para ADV_{loc})].

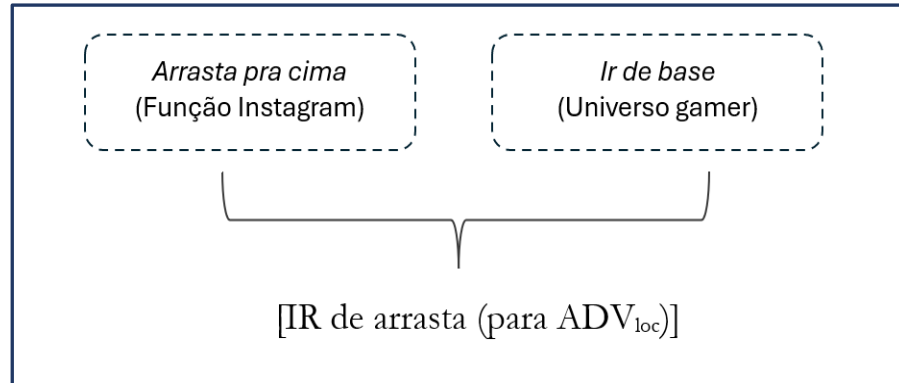
Considerando que “as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua” (Bybee, 2016, p. 35), podemos compreender que cada ocorrência linguística fornece *input* para forjar os padrões linguísticos, entendidos, segundo a autora, como um feixe de propriedades. Esse conjunto é apreendido como uma representação de memória enriquecida, reunindo todas as informações que o usuário da língua percebe em sua experiência linguística.

Explica-nos Bybee (2016, p. 35) que “essa informação consiste de detalhe fonético, incluindo traços redundantes e variáveis, de itens lexicais e construções usados, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico”. Na mesma linha, Hilpert (2014) assinala que a junção das experiências linguísticas – agrupadas por similaridades – formam uma rede de conexões que edificam o *constructicon*.

Diante disso, pressupomos que há duas contribuições centrais para compor o sentido de [IR de arrasta (para ADV_{loc})] ligado à noção de morte/fim/fracasso, tanto a

funcionalidade da rede *Instagram*, quanto a expressão *ir de base*, conforme ilustra a Figura 4 a seguir.

Figura 4: *Input* para o sentido do padrão [IR de arrasta (para ADV_{loc})]



Fonte: Elaboração própria.

A representação ilustra que há dois *inputs* centrais que colaboram para o sentido do padrão aqui estudado. Esses *inputs* não se excluem, ao contrário. O entendimento é o de que, quando um falante usa uma ocorrência alinhada a algum desses *inputs*, essa ocorrência – que faz parte da experiência – tem efeito na estocagem da memória.

Para Bybee (2016, p. 43) “ocorrências de experiência linguística são categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares”. Um indício disso é que, não raro, *ir de arrasta pra cima* ocorre em *hashtags* com certa frequência ao lado de *ir de base*, conforme apresentado na Figura 5.

Figura 5: *Hashtag ir de base e ir de arrasta pra cima*

Curtido por gabstrindade e outras pessoas
 tropa101 Onda de calor sem precedentes faz mais uma vítima no solzinho da tarde. #definhou
 #foidearrastapracima #foidebase #miminho #ajuda aqui

Fonte: *Instagram* (Acervo da Pesquisa).

Em termos sintáticos, os dados coletados demonstram a potencial incorporação do verbo *ir* à expressão. Por esse motivo, buscamos representar o padrão construcional a partir do seguinte esquema: [IR de arrasta (para ADV_{loc})], no qual há três *slots* preenchidos, o verbo *ir*, a preposição *de* e o nome *arrasta*; entre parênteses, um *slot* parcialmente aberto, opcional⁷, já que solicita um expediente adverbial que indique direção (*cima, baixo, lado, esquerda, direita*) precedido da preposição *para/pra*. Podemos averiguar que há construtos como: *fui de arrasta pra cima* (76,2%); *de arrasta pra baixo* (19,5%); *arrasta pra cima* (4,3%), o que demonstra as possibilidades de integração entre os elementos. Além do mais, em termos de propriedades, o padrão construcional aqui analisado pode ser tomado como parcialmente esquemático, já que apresenta apenas um *slot* semiaberto. Entretanto há restrições quanto ao que é sancionado para esse *slot*, isto é, expediente que indique direção.

Cezario e Furtado da Cunha (2023, p. 20) afirmam que “a alta frequência de uso de duas ou mais palavras em sequência dá origem a colocações linguísticas, que podem demonstrar que a gramática de uma língua não deve ser concebida como um conjunto de regras”. O encadeamento de duas ou mais palavras pode ser entendido

⁷ Podemos constatar usos como *ir de arrasta* nas redes sociais consultadas, com preservação dos sentidos evocados pela construção.

como um *chunk*, isto é, um pareamento de forma e função menos composicional, fruto do processo cognitivo de domínio geral *chunking*, que atua na formação de idiomatismos (Bybee, 2016). Para que duas ou mais unidades se tornem um *chunk* é necessário que haja repetição/automatização.

Em termos pragmáticos, o padrão construcional [IR de arrasta (para ADV_{loc})] pode ser recrutado em diferentes cenas, com objetivos interacionais distintos. Nos dados analisados, verificamos uma tendência à ironia e à crítica – seja de si ou de outro – evocando subjetividade, na medida em que se expressam crenças e pontos de vistas pessoais, como em (12):

Figura 6: Ocorrência (12)



Fonte: Rede X (2024) (acervo da pesquisa).

Em (12), a publicação traz uma imagem do príncipe e da princesa de Gales, William e Kate, em preto e branco, evocando a estética comum de mensagens associadas ao contexto de luto. O enunciador escreve “essa foto em preto e branco...” para abrir a publicação. O uso de reticências reforça o tom especulativo do comentário. A especulação se intensifica com o comentário seguinte: “Parece até que os dois [ou um deles] foram de arrasta pra cima... Principalmente com a Kate do jeito que tá...”. O comentário é sugestivo de que um dos dois, sobretudo Kate, que à época anunciara tratamento oncológico, poderia ter morrido. O comentário com a expressão *foram de*

arrasta pra cima desvela uma cena de humor mórbido e ironia, em que há uma sugestão de ideia de morte.

Em certos casos, a expressão pode funcionar como atenuação ou modo de não falar explicitamente sobre morte – tema considerado ainda um tabu em nossa cultura – por exemplo. Em publicação de rede social destinada à fofoca, foi anunciada a notícia da morte do ex-ator Guilherme de Pádua da seguinte maneira:

(13) Guilherme de Padua, assassino de Daniella, filha de Glória Pérez, *foi de arrasta pra cima* nesse domingo (Rede X, 2022).

O padrão construcional *foi de arrasta pra cima* pode ser interpretado como uma atenuação ou eufemismo sobre a morte de Guilherme de Pádua, visto que foi autor de um dos crimes bárbaros que chocou o país. O modo de expressar, nesse caso, adapta-se às intenções comunicativas e ao julgamento moral implícito, incorporando elementos de humor ácido e ironia, típicos das interações nas redes sociais. Isso provoca a adesão dos co-enunciadores, seguidores, que são convidados a partilhar as perspectivas dos enunciadores por meio de *likes*, *reações*, *comentários* e, em muitos casos, *repostagens*, conferindo intersubjetividade.

Em termos de produtividade, examinamos que o padrão construcional [IR de arrasta (para ADV_{loc})] é mais produtivo em termos de *tokens*. Contudo, parece não ser produtivo em termos de *types*, o que se alinha ao seu perfil parcialmente esquemático. Bybee (2016) explica que, quanto mais esquemática uma construção, maior a chance de ela licenciar subtipos (produtividade). Não é o que ocorre, em geral, com idiomatismos. Todavia, para melhor detalhamento dessa propriedade, é necessário ampliar o conjunto de dados e estabelecer relações com outros padrões levantados por Simões Neto e Souza (2013), o que não foi o foco da análise aqui empreendida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, defendemos a emergência de um padrão construcional idiomático, representado por [IR de arrasta (para ADV_{loc})] no português brasileiro, que licencia construtos como *foi de arrasta pra cima*. Para isso, fizemos uma investigação

qualitativa pautada em dados empíricos, advindos de situações comunicativas reais em contextos de interação digital. Os dados foram analisados à luz do aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso.

As razões para considerar que [IR de arrasta (para ADV_{loc})] é uma construção são, com base em Hilpert (2014) e Bybee (2016):

- (i) apresenta indícios de convencionalização, com expedientes que são tomados juntos, formando um bloco significativo por meio do processo de *chunking*;
- (ii) demonstra se adequar ao perfil parcialmente esquemático quanto à propriedade de esquematicidade;
- (iii) quanto à composicionalidade, sinaliza significação opaca e distante de seu sentido referencial;
- (iv) possui baixa produtividade, sendo mais produtivas somente em termos de *tokens*;
- (v) emergiu por meio de projeção metafórica de um domínio mais concreto para domínios mais abstratos;
- (vi) confere (inter)subjetividade aos contextos em que se manifesta.

Para pesquisas futuras, é possível ampliar o conjunto de dados e traçar um mapeamento quantitativo mais amplo do uso desse padrão construcional, correlacionando os achados com outros padrões de <IR de N>, como já mencionado por Simões Neto e Souza (2013). Há, ainda, a possibilidade de relacionar esse padrão com outros idiomatismos, a fim de aprofundar o entendimento dessas construções no português.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

BATORÉO, Hanna. A importância da estruturação na expressão do espaço: pistas para uma investigação futura. In: OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). **Articulação do espaço no**

português: uma abordagem cognitiva, funcionalista e construcional. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Anielle Bruna Fonseca. Continuum categorial entre explicação e restrição: uma análise de orações relativas. **Revista do GELNE**, v. 23, p.160-175,2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/24992/14485> Acesso em 23 nov. 2024.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Construções de estrutura argumental: teoria e prática. In: CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; CASTANHEIRA, Dennis. **Pesquisas funcionalistas e aplicações ao ensino superior**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 20-47.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A linguística funcional em perspectiva. *In*: OLIVEIRA, Marinagela Rios; LOPES, Monclar Guimarães (Orgs.). **Funcionalismo linguístico**: interfaces. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 27-50.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; BISPO, Edvaldo Balduino. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Revista Soletras**, n. 37, p. 103-116, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/38075/29210> Acesso em 19 nov. 2024.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, n. esp., p. 55-67, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5438/4030> Acesso em 23 nov. 2024.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-40.

GOLDBERG. Adele. **Constructions at work**: The Nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: oppositive or orthogonal? *In*: BISANG, Walter. et al. (eds.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HILPERT, Martin. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh University Press, 2014.

HOFFMANN, Thomas. The 5C Model of Linguistic Creativity: Construction Grammar as a Cognitive Theory of Verbal Creativity. **Journal of Foreign Languages and Cultures**, v. 8, p. 139-154, 2024.

HOFFMANN, Thomas.; BERGS, Anja Alexander. Constructions all the way! Text types as constructions. *In*: TACKE, Felix; HENNEMANN, A. (eds.) **Konstruktionen, Kontexte, Gattungen**: Constructions, Contexts, Genres. Bonn: V&R unipress, 2024, p. 255-277.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

LUCENA, Nedja Lima.; MATA, Elias Vinicius de Sousa. "Tá de brincadeira!": análise de um padrão construcional idiomático do português brasileiro. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. V. 18, n. 40, p. 329-348, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/44773/32599> Acesso em 10 fev. 2025.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MIRANDA, Neusa Salim. Construções gramaticais e metáfora. **Gragoatá**, n. 26, p. 61-80, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33124/19111>.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia. *In*: ROSÁRIO, Ivo Costa. **Introdução à Linguística Funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: EDUFF, 2022, p. 92-127.

ÖSTMAN, Jan-Ola.; FRIED, Mirjam (eds.). **Construction Grammars**: Cognitive Grounding and Theoretical extensions. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2005.

PINHEIRO, Diogo. **Curso Básico de Gramática de Construções**. São Paulo: Editora Contexto, 2025.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; SOUZA, Diego Spader. A Americanas foi de Mesbla, a Netflix vai de Blockbuster e eu quase fui de Olavo de Carvalho: a construção de fim/morte/falência com o padrão <[IR DE N]> no português brasileiro contemporâneo.

Revista Solettras, n. 45, p. 39-67, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/73487/45763> Acesso em 17 nov. 2024.

TOMASSELO, Michael. (Ed). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structures**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, v. 1, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

UNGERER, Tobias; HARTMANN, Stefan. **Constructionist approaches: past presente, future**. Cambridge, University Press, 2023.

Agradecimentos

Registramos agradecimento à Fundação Norte-Riograndense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC) pelo incentivo financeiro ao projeto de pesquisa ao qual este trabalho se vincula e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela concessão da bolsa de mestrado a um dos autores do trabalho.